DOI – *10.5752/P.2175-5841.2010v8n16p8*
Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported

Deus: metafísica e pensar pós-metafísico

God: metaphysics and post-metaphysical thinking

Ibraim Vitor de Oliveira*

O séc. XX é lembrado como o período em que se dá a passagem do modernismo para o pós-modernismo em filosofia. O termo pós-modernismo, contudo, é bastante genérico e se identifica muito mais com um modo *manualístico* para simplificar articulações filosóficas do que com uma expressão cujo sentido pudesse caracterizar um real modo de pensar. Trata-se de um termo que nos conduz a imprecisões se o assumimos de maneira ostensiva como se ele nos dissesse algo de essencial. Enquanto tal, "pós-modernismo" é um termo que, em se tratando de filosofia, não expressa nada de essencial. Ele apenas acena para novos horizontes de exercício do pensamento que, por muitos aspectos, se confunde com o pensar pós-metafísico em que se dissolvem as bases das atividades calculistas da *ratio* e das proposições lógico-discursivas que a acompanham. O discurso sobre Deus, enquanto artigo da metafísica e da expressão do cálculo racional, é severamente atingido, a ponto de se poder perguntar: é possível falar sobre Deus em tempos de pós-metafísica?

Tornou-se comum considerar Nietzsche e Heidegger uma espécie de "plataforma giratória" da passagem do pensar metafísico para o pensar pós-metafísico, assinalada de modo explícito pelo anúncio da "morte de Deus" e pela "diferença ontológica".

Nietzsche anuncia, já no final do séc. XIX, o que será central para a filosofia do séc. XX: a auto-superação (*Selbstüberwindung*) da razão como explicitação do niilismo. A razão se auto-supera graças ao seu específico modo de proceder: em constantes oposições. Desmascaram-se os "ideais" da razão: os processos racionais, que visam a um *telos* preciso e a partir do qual julgam poder determinar o mundo e a vida, se autodestroem. As *aeternae*

* Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontificia Università Gregoriana. Professor adjunto III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Moderna e Contemporânea. País de origem: Brasil. E-mail: vitorivo@libero.it

veritates da metafísica, em constantes oposições e exibidas logicamente, "perecem por obra de si mesmas". A originalidade dessa perspectiva está no fato de ela revelar e fazer emergir o defeito de base da própria razão, a saber, sua incapacidade de abarcar o mundo e a vida. Entre o cálculo racional e a efetividade do mundo e da vida vige uma distância intransponível. Mundo e vida se mostram fora dos registros calculistas da *ratio* e da sua lógica gramatical. Aqueles são evasivos e se efetivam no evento, no seu ato de ser, no acontecer. Os últimos estão no âmbito das essências, das determinações da verdade, a qual, para ser obtida e comunicada, deverá obedecer a um sujeito que realiza as determinações e aos cânones de uma língua, de uma gramática. Aqueles vigem sem finalidades; aos últimos, é atribuído um *telos*, constitutivo senão do cálculo racional, para dar coerência à pretensa *verdade*. Deus é o nome mais elevado para comunicar tais confins teleológicos. Nietzsche detecta que, o Deus-*telos* concebido pela razão e comunicado de acordo com a lógica gramatical, se autodestrói e, de Deus mesmo, nada se tem. Deus morreu!

Heidegger, por sua vez, demonstra a fragilidade da razão e a inconciliabilidade entre cálculo racional e o "mundo da vida", em especial, através da "diferença ontológica": diferença (logo, sem oposições) entre Ser, entes e Dasein. Com o intuito de estabelecer um diálogo com a história do pensar ocidental, Heidegger busca pelo *sentido originário* do que já foi pensado até então. Por isso, sua pesquisa arqueológica se constrói através de um característico "passo atrás" (*Schritt zurück*) para rememorar os processos do pensamento ocidental. Dá-se conta de que o Ser enquanto tal foi esquecido em favor das estratégias calculistas da *ratio*. A razão apenas faz cálculos do que ela mesma julga calculável e, portanto, o seu registro é o da técnica, mera re-presentação (*Vor-stellen*) e que obedece aos limites do racionalmente representável. O Ser e os entes não são, eles *se-dão*, logo, não podem ser re-presentados. O *es gibt* heideggeriano especifica, aqui, o registro da doação: um acontecimento, um evento (*Ereignis*), um mostrar-se. Trata-se de um emergir (*wesen*) do Ser que possibilita o ser dos entes; e o homem, para ser autêntico, deve corresponder a tal emersão e "deixar ser", sem exigir que Ser e entes sejam acomodados de acordo com os cálculos racionais. Aquilo que *se dá* vige no âmbito do ilógico, do incalculável, do (des)fundamento. O pensar, que visa a demarcar um fundamento (*arché*), pensa o ente em conjunto e chega, por necessidade de cálculo, a Deus. Esse é o pensar metafísico que, enquanto tal, é sempre uma *onto-theo-logia*. Aqui,

o discurso sobre Deus – que o concebe como *arché*, como *Aquele que é* (*Quid est*), *causa sui* – emerge como necessidade do cálculo racional para que se alcance o total pretendido. As tentativas arqueológicas racionais, expressas em discursos lógicos, se ancoram em Deus e se dão sempre no registro *onto-theo-lógico*, portanto, a partir do homem que calcula e presta contas, e, de Deus mesmo, nada se tem. Será melhor o pensar sem Deus!

Tanto Nietzsche quanto Heidegger, cada qual a seu modo, mostram e fazem emergir a fragilidade da *ratio*. Ambos, de acordo com os respectivos âmbitos filosóficos, consideram a metafísica e o seu modo de proceder como etapas da razão calculadora que, enquanto tal, se estabelece no registro do calculável. Deixam claro que a razão apenas calcula se ela mesma preestabelece limites calculáveis (*telos* e *arché*) e, só assim, torna-se possível identificar o múltiplo em um plano comum para, depois, nominá-lo de acordo com as regras lógicas da gramática. Dão-se conta de que o diferente e a diferença, incalculáveis, são estranhos à *ratio*; são extravagantes. A razão não dá créditos ao que *extra-vaga*, ao que vaga fora das circunscrições estabelecidas, do contrário, não seria possível acomodar o idêntico, o comum generalizado, o ente em seu conjunto. Desse modo, o discurso sobre Deus, a vida e o mundo só poderão ser compreendidos e comunicados se estiverem submetidos às probabilidades do cálculo racional. Mas se é assim, diriam Nietzsche e Heidegger, de Deus, de vida e de mundo, nada se tem. Aqui, há lugar apenas para cálculos racionais, e, de Deus mesmo, nada se tem.

De fato, no que tange ao discurso sobre Deus não se pode mais menosprezar as reflexões de Nietzsche e de Heidegger, caso não se queira incorrer no risco de se assumir Deus como base de cálculos lógico-racionais. São algumas das contribuições, sem falar da filosofia analítica, que deixam para o séc. XXI uma espinhosa tarefa, dentre muitas outras: como pensar e falar sobre Deus sem os cálculos racionais e as estruturas lógicas da gramática? Como realizar o discurso sobre Deus num pensar pós-metafísico? Essas perguntas sugerem muito mais outros grandes questionamentos. O que realmente se entende por pensar pós-metafísico? Nietzsche e Heidegger acabam por associar, não de forma displicente, metafísica, modernidade, razão calculadora e lógica gramatical. Tal associação contribuiu para denunciar o domínio da *ratio* e abrir novos horizontes de pensamento que, a partir do que se demonstrou, propiciam um pensar pós-metafísico, pós-moderno. Entretanto, pode-se ainda perguntar: haverá entre a metafísica, o cálculo

racional e a lógica uma convergência assim tão profunda a ponto de se justificar a necessidade de um pensar nomeadamente pós-metafísico? Não se pode negar que a história da metafísica dá mostras do rigoroso uso, em muitos períodos, do *logos apophantikós*, próprio das *proposições afirmativas verdadeiras*, do cálculo e do discurso lógico. Mas, por outro lado, dá mostras também do exercício do *logos hermeneutikós*, próprio das interpretações, da fenomenologia, da abertura do pensamento, do ato de ser, da intuição, sem bases lógico-racionais. Ao que parece, o que muitos metafísicos exercitaram em outros tempos é o que se pretende com o pensar pós-metafísico de hoje. O dito pensar pós-metafísico não será então uma reedição do melhor da metafísica clássica no âmbito do *logos hermeneutikós* e que possibilitaria um discurso sobre Deus sem os cálculos racionais? Justifica-se ainda a nomenclatura "pensar pós-metafísico", *tout court*?